



X SHAUNA CROSS X
DERBY GIRL
(WHIP IT)



Tradução de
ALDA LIMA



Rio de Janeiro | 2009





*Para toda e qualquer garota encrenqueira,
este é para vocês.*





☆ *A vida não é tão bela assim*

Não sei como isso foi acontecer nem que tipo de acordo foi feito por trás dos panos, mas aparentemente estou morando numa pequena cidade do Texas com dois impostores culturalmente limitados como guardiões legais, quando sei que meus pais verdadeiros estão por aí em algum lugar. Provavelmente são esses tipos artísticos superdescolados que moram num loft em Nova York. Ou talvez São Francisco. Isso também funcionaria. Trocaria essa cidade com fedor de vaca por São Francisco sem pensar duas vezes.

*Queridos provavelmente maneiros pais,
Se de repente derem falta de uma filha adoravelmente sarcástica de 16 anos, enviem uma passagem de avião. Estou pronta para voltar para casa.*

*Beijos,
Sua rebenta complacente*



*Obs.: Se não forem meus verdadeiros pais e por acaso acharem esse bilhete (e forem modernos e sem filhos), apelo para que considerem o maravilhoso mundo da adoção.**

**Oferta de adoção válida apenas para os que vivem numa cidade legal. Conceito de cidade legal a ser determinado pela adotada.*

Escrevi isso num cartão na primavera passada quando fui forçada a participar de um lançamento de balões ridículo-demais-da-conta na escola (não pergunte). Até agora, tive exatamente zero respostas, mas a esperança é a última que morre.

Esperança é provavelmente a única maneira de sobreviver em Bodeen, Texas. A não ser, é claro, que você seja um caipira jogador de futebol americano, adorador-de-caminhões, fã-de-música-country. Se for esse o caso, naturalmente, Bodeen é sua cidade alma gêmea. U-hu pra você.

Mas se você por acaso é uma garota desajustada, fã-de-indie-rock, perita-em-brechós, usuária-de-camisetas-customizadas, com tinta azul no cabelo, que acha que a vida é um filme dos anos 1960, então Bodeen pode ser, e geralmente é, uma gigantesca bola de chatice.

Ah, a linda Bodeen, lar dos mullets nada irônicos, e da “mundialmente famosa” fábrica de sorvetes Bluebonnet. As delícias congeladas são produzidas localmente, e pessoas viajam de longe só para dar uma olhada na fabricação do tal sorvete ao vivo e em cores. Honestamente, o processo é tão fascinante quanto golfe na TV numa tarde de sábado, mas os turistas dizem *oohs* e *ahhs* como se fosse uma porcaria de



experiência religiosa, como se o chocolate com marshmallow que estão comendo não fosse exatamente o mesmo lixo que compram aos galões na sua padaria local.

A propósito, quando digo turistas, não quero sugerir que Bodeen seja uma Meca para viajantes do mundo todo, nem ninguém remotamente interessante, ou seja, garotos por quem valha a pena babar. Toda a coisa fábrica-de-sorvete-come-destino-de-férias não significa muito para essa parcela da população. Acredite, fiz meu dever de casa no assunto. Passei inúmeras horas observando ônibus de turismo após ônibus de turismo se esvaziando, esperando desesperadamente um relance de beleza masculina entre a multidão de bundas gordas e pochetes — nunca acontece. Você ainda vai ver Jesus Cristo andando de skate pelas ruas de Bodeen antes de um cara gato um dia atravessar a fronteira.

E se isso não fosse o bastante, Bodeen de alguma maneira virou sinônimo de “destino romântico para casais”, o que significa que os pais de outras pessoas arrastam seus relacionamentos deprimentes até aqui para um pequeno fim de semana “reconciliador”. Eles se hospedam num dos nossos *charmosos* hoteizinhos e se ocupam fazendo o que quer que seja que os pais fazem quando estão cercados por papel de parede do tempo da minha avó, cortinas rendadas e aroma de muffins recém-assados (fator nojo: alto!).

Toda sexta-feira à noite, quando esses casais descem na minha cidadezinha, penso: “Em algum lugar perdido no Texas está um bando de adolescentes cujos pais os deixaram sozinhos no fim de semana.” E imagino que deve haver um garoto, ao menos um garoto, esperto, obcecado por música e



bonitinho, que realmente dê valor a uma menina com cabelos azuis e uma coleção impressionante de CDs... E então me pergunto: *Por que é que não estou com ele? EU DEVERIA ESTAR LÁ ENQUANTO SEUS PAIS ESTÃO AQUI.*

Dói. Dói de verdade.





☆ *Pequena casa dos horrores*

Então, não há por que você não saber que meu nome é Bliss Cavendar. Deus, só de falar em voz alta me dá vontade de vomitar. Bliss, ou seja, felicidade plena, é uma piada particularmente cruel, porque até agora não experimentei nenhuma (a não ser que minha obsessão por balas conte — mas a felicidade que isso traz tem limite). Obviamente, minha mãe desequilibrada estava esperando um raio de sol sapateador quando foi escolher nomes para bebês. Em vez disso, ela teve a mim. Surpresa. Nada de sapateado, nada de raio de sol.

Para piorar as coisas, Brooke (minha suposta mãe biológica) sofre de uma rara e devastadora doença: vício em concursos de beleza. Tiara-ismo, como gosto de chamar. Aparentemente, Brooke era uma supergata no seu tempo, ganhando uma coleção de títulos, coroas e faixas, incluindo a coroa



das coroas locais, Miss Bluebonnet. Minha avó e bisavó também foram Miss Bluebonnet.

Infelizmente para Brooke, Miss Bluebonnet não foi o suficiente. Ela cobiçava, mas nunca realmente conseguiu, os maiores prêmios do mundo dos concursos, um fato que só atizou ainda mais sua épica luta estilo *Senhor dos anéis* para assegurar que sua filha ganhasse a maior das coroas. Sim, Brooke decidiu que se ela mesma não pôde ser Miss América, ela seria então a orgulhosa mãe de uma. É aí que entro, vítima número um.

Passsei meus anos de escola participando de uma torturatória de brilhantes falsos atrás da outra (eu era tão ingênua na época). Brooke penteava meu cabelo escorrido até atingir a altura de um arranha-céu e passava tanta maquiagem que, juro por Deus, daria para me ver numa foto de satélite tirada do espaço. Nunca ganhei nada mais que um “Certificado de Participação”, o que na linguagem de concursos significa “otária perdedora”.

Mas isso não parou Brooke, que nunca deixa coisas pequenas como a realidade atravessarem seu caminho quando está obsessivamente perseguindo uma meta. Ela me arranjou um treinador, e no meu décimo terceiro aniversário estreei um novo talento, que supostamente me lançaria ao título de “Pequena Miss Howdy-Roo” na cidade vizinha de Dripping Springs.

Senhoras e senhores: Deem as grandes boas-vindas texanas à Bliss Cavendar, sensação do malabarismo com bastão!

Vocês têm que acreditar quando digo que dei tudo o que tinha àquele maldito bastão. Eu rodopiava, girava e pulava



de um pé para o outro como se minha vida dependesse daquilo. Mas o laquê me deixou tonta, e em algum ponto da metade do meu final arrebatador, os deuses da coreografia fizeram uma pausa para fumar e me deixaram na mão. O bastão ricocheteou após bater no meu pé enquanto dava uma estrela, voou para a plateia e nocauteou a jurada Darla Schaffer bem no meio da cabeça. Bom, não se pode dizer que não parou tudo. Demoraram cinco minutos para que a Srta. Schaffer recobrasse a consciência.

Na chuvosa volta para casa, enquanto eu segurava outro “Certificado de Participação”, minha mãe não parava de dizer:

— Tudo bem, meu docinho. Temos apenas que acertar aquele final e ganhamos o ouro. Você sabe, não se vira Miss América desistindo.

Mas eu sabia, e estava de saco cheio. Duas semanas depois, iniciei uma greve de fome inspirada em Gandhi e finalmente consegui me libertar do culto a concursos da minha mãe. Ou quase.

Ela ainda espera que eu participe do Miss Bluebonnet em dezembro — um fato doloroso que tento manter enterrado bem no fundo da minha mente. Eu o considero o fim de minha longa e completamente malsucedida trajetória de concursos.

Enquanto isso, minha mãe mirou seu foco de Miss América na minha irmãzinha, Shania (outro feio, mas muito adequado, nome para concursos), que acaba de completar... batam os tambores, por favor... quatro anos. Chamo minha angelical irmã caçula de Sweet Pea porque acho o nome es-



colhido por Brooke repugnante demais para ser pronunciado em voz alta. Além disso, quando Sweet Pea crescer e olhar para trás para sua infância, quero que saiba que eu estava lutando pelo seu bem.

O estranho sobre Sweet Pea, a rainha dos concursos de 4 anos, é que ela realmente parece adorar competir. Nunca chora ou ameaça fugir quando Brooke penteia seu cabelo. E, olha só isso, a criança inclusive guincha de felicidade quando é dia de usar aquele abominável pedaço de algodão-doce com brilhos que chamam de vestido. Talvez por isso sempre ganhe. Ela é a realização do sonho de concursos de beleza de Brooke.

Às vezes me sinto culpada, como se devesse estar protegendo Sweet Pea do culto de minha mãe (tendo sobrevivido a ele e tal). Mas, ao mesmo tempo, sou grata porque minha irmãzinha traz pra casa os troféus que eu nunca consegui trazer, o que tira um pouco a Brooke do meu pé. E meu lema é, quanto menos Brooke na minha vida, melhor.

Claro que esse retrato de família estilo catálogo-de-loja-de-departamento não estaria completo sem mencionar meu pai, Earl Cavendar. Aqui está tudo o que precisa saber sobre o bom e velho Earl. O resumo, se preferir assim. Ele é dono da Longhorn Móveis (lar dos sofás mais feios do mundo), pronuncia talvez três palavras por dia, e geralmente adormece na sua poltrona de veludo marrom após as notícias de futebol americano. Earl sabe que não é páreo para o Tornado Texano com quem se casou, e adotou uma tática de sobrevivência com destreza: faz exatamente o que mandam e fica bem longe do caminho de Brooke.



Ah, e aqui vai uma curiosidade divertida. Recentemente descobri que, ao contrário do que dizem os arquivos oficiais da família, a verdadeira data de casamento de Earl e Brooke foi apenas cinco meses antes de eu nascer. Surpresa! O amor não é lindo?

